

Brasília, todas as honras.

Houve missa, homenagens dos chefes de Estado estrangeiros e grandes honras militares. Depois, o corpo de Tancredo partiu para Minas.

A Nova República idealizada por Tancredo Neves estava literalmente presente na última homenagem oficial que lhe foi prestada pelas Forças Armadas em Brasília, na Esplanada dos Ministérios, já na saída para Belo Horizonte. Ali, caminhavam juntos o ex-presidente Ernesto Geisel, o presidente do Partido dos Trabalhadores, Luis Inácio Lula da Silva, o ministro das Minas e Energia, Aureliano Chaves, o líder do PDS, Prisco Viana, e o presidente da Câmara, também presidente do PMDB, Ulysses Guimarães.

Ao todo, um cortejo de 80 autoridades, entre eles os arcebispos dom José Freire Falcão, de Brasília, dom Paulo Evaristo Arns, de São Paulo, e dom Avelar Brandão Vilela, de Salvador — além dos presidentes do Uruguai, da Venezuela, da Colômbia, do Paraguai, de Portugal, representante do governo do Suriname e todo o corpo diplomático acreditado em Brasília.

Na frente de todos, durante a caminhada a pé de cerca de 300 metros, determinada pelo cerimonial, estavam dona Risoleta, o presidente José Sarney, dona Marly, os ministros de Estado e os governadores.

Pouco antes, às 10h55, dona Risoleta, Sarney, o filho Tancredo Augusto e o neto Aécio haviam colocado a tampa de madeira sobre o vidro por onde se podia ver o rosto do presidente; os chefes dos Gabinetes Civil e Militar, José Hugo Castelo Branco e Rubem Bayma Denys, haviam estendido novamente a bandeira do Brasil sobre o caixão; e os soldados das três armas, descido a rampa principal do Palácio do Planalto transportando o corpo para o carro blindado.

No momento em que o caixão estava sendo colocado no Urutu, um toque de silêncio ecoou pela praça dos Três Poderes, misturando-se aos aplausos de cerca de três mil pessoas, que acompanhavam, atrás de uma forte barreira de soldados do Exército, a despedida de Tancredo do Planalto. Tão logo o carro partiu, em marcha lenta, para a Esplanada dos Ministérios, os populares começaram a cantar "Está chegando a hora", "Oh! Minas Gerais" e a gritar "Queremos acompanhar" — dando início a um pequeno tumulto, logo contido pelos soldados do Exército.

Saída rápida

Para evitar novos tumultos no trajeto entre a Esplanada dos Ministérios e a Base Aérea, dezenas de carros das Polícias Civil e Militar saíram na frente do Urutu, fazendo o que os policiais chamam de "varredura", para afastar as pessoas que se encontravam na pista.

Esse esquema de varredura, montado também para que o percurso até a Base Aérea fosse realizado de maneira rápida, só deu resultados em termos de rapidez: 30 minutos, contra os mais de três horas da chegada. Ele não agradou, porém, às pessoas que estavam distribuídas ao longo do caminho, pois muitas delas, principalmente crianças, tiveram que se retirar — ou ser retiradas — rapidamente para não serem atropeladas.

Como apoio ao esquema, havia policiais, muitos com cães, outros com cavalos, em todo o trajeto, com a missão de não deixar os populares passarem do cordão de isolamento. E foram estes os que mais ouviram as reclamações — como gritos de "o presidente não é mais militar", ou "a ditadura acabou", ou ainda, "viva a nação civil".

A senhora Natália Romano, moradora da 206 Sul, quadra em que Tancredo morreu durante a campanha, tinha comprado um buquê de rosas para jogar sobre o caixão do presidente. Mas ficou com as flores e quase foi atropelada, o que a fez reclamar bastante.

Não temos culpa se as cerimônias se atrasaram lá no Planalto. Eles passaram tão rápido que nem pudemos homenagear o presidente.

A poucos metros dali, a senhora Carla Filgueiras, moradora da quadra 208 Sul, ficou desesperada ao notar que um tanque "abre-alas" da comitiva vinha em alta velocidade sobre ela e seu filho Ronaldo, que estava no carrinho. Dona Carla puxou Ronaldo e correu para um lugar seguro. E o carrinho só não foi destruído porque um popular o apanhou antes que o tanque passasse por cima.

Ocorreram, entretanto, vários casos de crianças pequenas pisoteadas na pista pelo corre-corre. Mas não foram ca-



Foto: Adão Nascimento

Momentos de beleza e emoção, elogiados por todos: as honras militares ao presidente morto. "Era o mínimo que poderíamos lhe ter dado", disse o chefe do EMFA, almirante José Maria do Amaral.

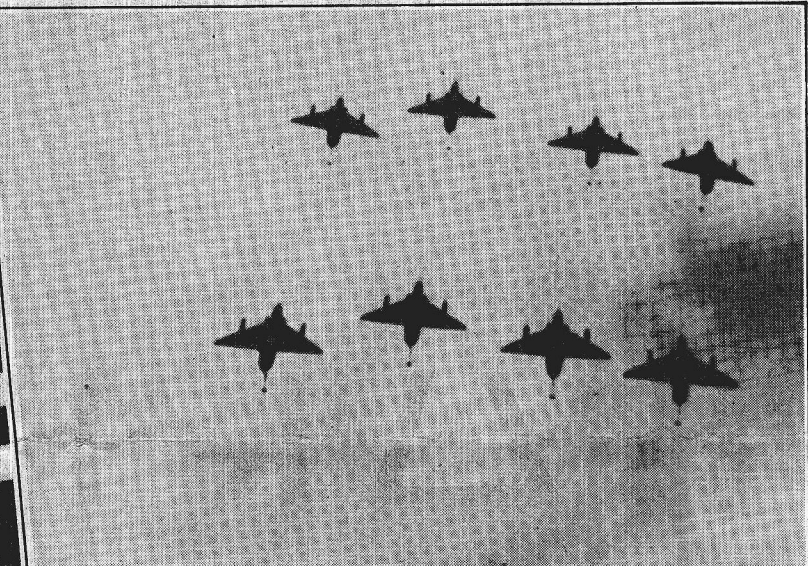


Foto: Sérgio Borges

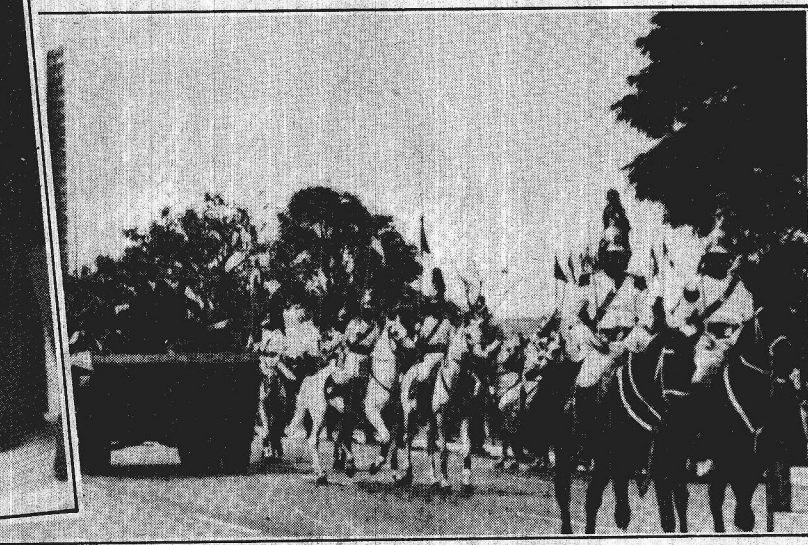


Foto: Alencar Monteiro

Depois do cortejo, a cidade volta ao normal.

O comércio, bancos e empresas particulares de Brasília trabalharam normalmente ontem. As empresas e autarquias do governo e os ministérios não deram expediente, em função de ponto facultativo. Por isso, esperava-se uma razoável concentração popular na Praça dos Três Poderes e Esplanada dos Ministérios, onde as últimas solenidades oficiais em homenagem a Tancredo Neves foram realizadas. Mas nestes locais e ao longo do trajeto até a Base Aérea de Brasília, de onde o corpo de Tancredo seguiu para Belo Horizonte, apenas cerca de 30 mil pessoas se despediram do presidente. Na segunda-feira, uma multidão de 300 mil pessoas recebeu na urna funerária desde a Base Aérea até o Palácio do Planalto.

A baixa participação popular contrastou com o forte esquema de segurança em torno das solenidades, envolvendo soldados das três Armas e policiais militares e civis do Distrito Federal. Aparentemente, o nú-

mero de homens encarregados da segurança das autoridades brasileiras e estrangeiras foi o mesmo empregado na segunda-feira.

Na Esplanada dos Ministérios, cerca de 5 mil pessoas presenciaram o desfile do caixão de Tancredo perante a tropa das três Armas perfiladas em sua honra, enquanto as janelas dos ministérios permaneceram vazias por causa do ponto facultativo. Naquela região, a movimentação maior ocorreu apenas na Câmara dos Deputados, onde os funcionários da casa deram expediente normalmente. Os do Senado não trabalharam.

Enquanto as homenagens a Tancredo transcorriam, os clubes da Capital Federal registraram um movimento maior do que o normal, principalmente aqueles ligados aos funcionários públicos. O Clube dos Servidores Civis foi um deles, bem como os das associações dos funcionários dos ministérios. O Clube Primavera, de Taguatinga,

uma das cidades satélites de Brasília mais populosa, também teve uma frequência maior ontem.

O comércio, apesar de ter aberto suas portas, teve um movimento fraco ontem. Os bancos, entretanto, registraram uma movimentação intensa, principalmente no período da manhã. A procura pelas instituições financeiras foi explicada pelos gerentes em função do período relativamente longo em que elas não funcionaram, desde a sexta-feira passada até a segunda.

Logo depois da passagem do cortejo conduzindo o corpo de Tancredo para a Base Aérea, por volta do meio dia, Brasília mergulhou numa profunda tranquilidade. Os grandes centros de compras permaneceram vazios, o Setor Comercial Sul registrou pouco movimento, e na Esplanada dos Ministérios tudo voltava a estar como antes: as ruas já tinham sido varridas e os palanques desmontados. Pessoas e carros quase não podiam ser vistos.

No Congresso, importantes decisões são adiadas.

O falecimento do presidente Tancredo Neves adiou providências legislativas que estavam programadas desde a última semana, a começar pela proposta do governo que abre crédito de Cr\$ 900 bilhões ao grupo Sulbrasileiro. Segunda-feira seria solicitada tramitação em regime de urgência, que iria permitir a votação no plenário da Câmara nesta semana.

As lideranças da Aliança Democrática estavam estudando a possibilidade de votar dias 29 e 30 deste mês as eleições diretas de prefeito das capitais, municípios de áreas de segurança e estâncias hidrominerais. As homenagens póstumas a Tancredo não permitiram a mobilização das bancadas, nem as articulações das lideranças.

Os feriados parlamentares impediram, da mesma maneira, providências da liderança da Aliança Democrática, de retirar

da pauta da "ordem do dia" da Câmara, inúmeros projetos, entre os quais o que manda estender, aos trabalhadores rurais, o sistema de Fundo de Garantia de Tempo de Serviço.

Está também na pauta, sob exame, o projeto reduzindo de oito para seis horas a jornada de trabalho dos economiários. O líder Pimenta da Veiga iria discutir, ontem, a matéria com o presidente da Caixa Econômica Federal, Marcos Freire.

O problema do Sulbrasileiro foi discutido domingo, informalmente, durante almoço de Ulysses Guimarães com Pimenta da Veiga. Na ocasião, confirmou-se que se o Congresso aprovar a estatização do grupo financeiro gaúcho, o presidente José Sarney não hesitaria em vetá-lo.

As lideranças do governo pretendiam apresentar ontem um substitutivo que, mes-

mo liquidando o Sulbrasileiro, iria preservar a economia gaúcha, o Tesouro Nacional e proteger os pequenos investidores — além de dar garantia de emprego aos funcionários do grupo. Ainda na segunda-feira, o líder do Partido da Frente Liberal no Senado, Carlos Chiarelli (RS), iria apresentar projeto de lei estabelecendo o índice de 100% do INPC aos reajustes semestrais a todos os trabalhadores — "reajuste integral e íntegro" — conforme disse.

Tudo indica que amanhã e sexta-feira o Congresso volte a funcionar a meia-carga, sem decisões importantes. Na próxima semana, o feriado de 1º de maio, quarta-feira, poderá dificultar o quórum, na Câmara e no Senado, necessário para aprovar emenda constitucional das eleições diretas para as prefeituras das capitais e áreas de segurança nacional — dois terços de cada Casa.

... sos graves, mesmo porque o número de populares, ontem, foi bem menor do que na segunda-feira. Com certeza, porque não era feriado, como o dia anterior.

Explicações

Se oficialmente não houve orientação para reprimir quem quer que fosse, os militares do Exército, Marinha e Aeronáutica, além das tropas da PM deslocadas para garantir a segurança, tinham ordens claras de seus superiores para garantir o cumprimento do cerimonial estabelecido pelo Planalto e pelo Itamaraty.

Essa explicação foi dada ontem por militares do Comando Militar do Planalto, unidade responsável pela organização das tropas durante as cerimônias. Conforme as justificativas, o povo tem de ser controlado nessas ocasiões, sob o risco da segurança de outras pessoas ficar ameaçada e do cerimonial ser quebrado.

Diante das várias falhas ocorridas no cerimonial de segunda-feira, o esquema de ontem foi mais rígido, além de maior. O efetivo do Exército, Marinha e Aeronáutica mobilizou 1.500 homens, mil dos quais destinados à segurança e 500 para a guarda fúnebre. Essa guarda compreendeu tropas da guarnição de Brasília e das academias militares das três Forças.

Esses policiais liberaram as pistas, tão logo a comitiva passou. A partir daí, os populares, em carros particulares, reforçaram o cortejo, formando uma enorme fila de automóveis até a Base Aérea. Na pista, reunidas em pequenos grupos ou sentadas no gramado ao lado, as pessoas que não choravam mostravam, ao menos, um semblante muito triste.

— É muito triste essa hora. Os brasileiros estão se sentindo órfãos. Mas Deus é o pai dos órfãos e está acima de tudo — disse uma delas.

Venceslau Rodrigues Alves, 69 anos, professora aposentada, chorando, dizia que o impacto da morte de Tancredo foi maior do que a de Getúlio Vargas.

— Acho que a história de Tancredo é parecida com a de Moisés, libertando o povo do cativo.

Na Base

Sob um sol forte, às 13 horas, decolava de Brasília, rumo a Belo Horizonte, o boeing 737 da FAB, prefixo 2115, levando o esquife com o corpo de Tancredo Neves.

O Urutu entrou na Base Aérea às 12:10, deslocando-se até o pátio de estacionamento das aeronaves entre uma ala de soldados; que se postou ao longo de todo o percurso dentro daquela unidade. Ao se aproximarem da cerca que limita o pátio de estacionamento de aviões, os automóveis, conduzindo autoridades e familiares de Tancredo Neves foram desviados para a estação de autoridades, onde desembarcaram. Enquanto os familiares e demais personalidades presentes se colocavam ao longo do tapete que conduzia à porta do avião, o caixão com o corpo de Tancredo Neves ficou sobre o carro Urutu durante 20 minutos, até que, então, foi retirado por seis sargentos do Exército e transferido para os ombros de seis cadetes (dois de cada Força), que o colocaram a bordo do boeing presidencial.

Todos os ministros de Estado, escolhidos por Tancredo para compor o seu quadro de auxiliares diretos, compareceram à Base Aérea, além do presidente José Sarney, do presidente do Senado Federal, José Fragelli, do presidente da Câmara, Ulysses Guimarães, e do presidente do Supremo Tribunal Federal, ministro Moreira Alves. Tão logo a urna foi colocada a bordo do avião, os familiares e algumas autoridades mais íntimas de Tancredo, como os ministros da Fazenda, Francisco Dornelles, e do Interior, Costa Couto, começaram a se preparar para embarcar. Dona Risoleta foi a primeira a subir a bordo do Boeing e, do topo da escadaria, acenou rapidamente para os que ficaram, no que foi seguida por outros integrantes da comitiva.

As autoridades aeronáuticas procuraram amenizar, ao máximo, os efeitos do barulho das turbinas entre os presentes. E, por isso, um carro arrastou o avião presidencial até próximo à cabeceira da pista, distante uns cem metros da estação presidencial, quando a tripulação foi autorizada a ligar as turbinas. Logo que o avião decolou, as autoridades ali presentes começaram a deixar a Base.